

# Limitar riqueza individual para salvar planeta

*Ingrid Robeyns diz que desigualdade crescente e poder descomunal de bilionários ameaçam futuro*

Folha de S. Paulo, 9.fev.2025

**Marcelo Leite**

Colunista da Folha e autor de livros como “Promessas do Genoma” (Editora Unesp, 2007) e “Psiconautas – Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira” (Fósforo, 2021)

**[RESUMO]** Em entrevista, Ingrid Robeyns, da Universidade de Utrecht (Holanda), comenta sua proposta de reviravolta ética para deter o libertarianismo que chacoalha o mundo com os ultrarricos Trump e Musk: o limitarianismo, centrado na proposta de um teto para a riqueza pessoal. Com os recursos assim arrecadados, seria possível enfrentar a desigualdade e a crise do clima que o neoliberalismo vem agravando, o que a filantropia sozinha nunca vai resolver.

Desde Platão filósofos são conhecidos por levantar questões incômodas e provocadoras para o seu tempo. [Ingrid Robeyns](#), professora de ética de instituições na Universidade de Utrecht (Holanda), escreveu um livro corrosivo contra a ideologia neoliberal que ameaça o mundo com oligarcas bilionários e desastre climático.

Ela se fez três perguntas: Pode uma pessoa ser rica demais? A riqueza excessiva tem consequências negativas? Se a resposta for sim para as duas primeiras, o que se deve fazer a respeito?

A obra se chama "Limitarianism: The Case Against Extreme Wealth" (limitarianismo, o argumento contra riqueza extrema). Sua linha de raciocínio e pesquisa conduziu-a a formular a proposta quixotesca de [fixar um limite de 10 milhões de euros ou dólares \(cerca de R\\$ 58 milhões\) para o patrimônio](#) de qualquer habitante da Terra.



A filósofa belga-holandesa Ingrid Robeyns, que defende um teto para a riqueza individual - Roland Pierik/Divulgação

Como boa filósofa, Robeyns nada tem de ingênua —ela sabe que a viabilidade política da proposta é quase nula, ao menos no presente. Trata-se de uma ideia reguladora, explica, que envolve muitas iniciativas e precisava ganhar expressão numérica para deslanchar o debate, embora a cifra em si seja o menos importante.

Robeyns sabe também que se interrogar sobre isso nunca foi tão crucial, com [Elon Musk comandando ao mesmo tempo o X-Twitter e a cozinha do governo Donald Trump](#). "É um coquetel muito perigoso, e estamos vendo agora mesmo nos EUA que, se a riqueza extrema leva a um poder quase absoluto, coisas muito ruins podem acontecer muito rapidamente."

Na entrevista abaixo, a filósofa rebate as objeções mais comuns a suas propostas, como as de que um teto para a riqueza individual é ideia de invejosos que vai sufocar a inovação e a criação de empregos. Ou, então, que a ascensão da direita radical nos Estados Unidos e alhures tem menos a ver com o poder de bilionários como Trump e Musk e [mais com progressistas fixados em políticas](#)

[identitárias](#), como as questões de gênero ora censuradas pelos ultrarricos a mandar no país mais poderoso do mundo.

"No final, queremos um mundo em que todos possam florescer e viver pacificamente dentro dos limites de ecossistemas planetários sustentáveis —e isso requer mudanças tanto na frente econômica quanto na cultural."

**Nas últimas décadas ocorreu uma mudança categórica entre os imoralmente ricos (decamilionários) e os indecentemente ricos (decabilionários). Vê alguma diferença aqui?**

Certamente há diferenças nos riscos ou desvantagens sociais que diferentes níveis de riqueza causam, e isso pode nos forçar a traçar uma linha categórica entre diferentes níveis de riqueza. É bastante plausível que [apenas os ultrarricos sejam capazes de comprar plataformas inteiras de mídia social](#) que podem então usar para influenciar a esfera pública, como Elon Musk fez quando comprou o Twitter.

Eles são, certamente, os ricos mais poderosos e, portanto, potencialmente perigosos. Mas não é preciso ser bilionário para influenciar a política: se, em um país democrático, alguém pode doar, por exemplo, US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 5,8 milhões) para um partido político, [isso faz diferença no acesso que tem a esse partido, e haverá pressão por mudanças legais que o beneficiem](#).

E mesmo em níveis mais baixos de concentração há razões para traçar uma linha. Por exemplo, o nível de riqueza em que não se pode realmente melhorar a qualidade de vida, exceto por meros bens de status, é um nível muito mais baixo —riqueza acima desse nível é "desperdício" para essa pessoa.

Uma pesquisa na Holanda em 2018 sugeriu que esse nível pode ser em torno de 1 milhão de euros (R\$ 6 milhões) por pessoa no contexto holandês, com vários bens públicos e um Estado de Bem-estar Social, incluindo aposentadoria básica para todos.

É claro que, se alguém tivesse, digamos, 2 milhões de euros, seria improvável que conseguisse influenciar a política sozinho. Mas ainda seria uma quantidade de riqueza desperdiçada, dadas todas as necessidades urgentes não atendidas no mundo.

E também argumentei no livro que seria moralmente imerecido, já que sorte e fatores externos desempenham um papel tão grande na criação de fortunas.

**O alcance da interferência na democracia mudou em nível e qualidade com o poder das plataformas de mídia social —basta olhar para a influência de Elon Musk, [Mark Zuckerberg](#) e [Jeff Bezos](#) na eleição e no governo de Donald Trump. Entramos em uma era de manipulação exponencial, muito além do poder ao alcance de Rupert Murdoch no passado recente?**

A análise no meu livro "Limitarianism" foi principalmente sobre qual poder desproporcional seria criado pela riqueza nas mãos de uma pessoa. Mas agora vemos dois efeitos adicionais. Primeiro, o poder adicional que se cria se os ultrarricos trabalharem juntos para assumir o controle absoluto da esfera política.

Segundo, ainda que eles tenham o mesmo nível de riqueza expresso em termos monetários, nem todos os ultrarricos são igualmente poderosos. Aqueles com plataformas de mídia social ou mídia tradicional ([como Bezos, dono do jornal Washington Post](#)) têm riqueza que decorre do tipo específico de negócios que eles possuem.

É um coquetel muito perigoso, e estamos vendo agora mesmo nos EUA que, se a riqueza extrema leva a um poder quase absoluto, coisas muito ruins podem acontecer muito rapidamente. A democracia sempre foi frágil, precisa de defesa, e parece que aqueles interessados em destruí-la estão na dianteira agora.

**Como alcançar a mudança cultural e ética necessária quando a formação de mentalidades ocorre em circuitos não mais governados pelo valor de evidências, fatos e argumentos racionais, [mas sim pela estridência da opinião e seu sucesso em apelar às emoções](#)? Por que escrever livros quando a viralização de memes e vídeos prevalece?**

Acredito fortemente que precisamos de algo como um ecossistema de argumentos e ações para resistir a danos e ao mal e tentar tornar o mundo um lugar melhor para todos. Um livro sozinho claramente não será suficiente —mas muitos livros foram escritos que destacam algum aspecto de como a concentração maciça de riqueza e a crescente desigualdade são ruins para as pessoas, as sociedades, as democracias e o planeta.

Também certamente não é verdade que um livro não possa fazer a diferença. Para dar um exemplo concreto: na semana passada uma multinacional holandesa decidiu doar 30% de suas ações para uma organização sem fins lucrativos, na qual os dividendos das ações serão usados para atender necessidades sociais urgentes. Eles mencionaram na entrevista ao jornal holandês que também são inspirados pelo limitarianismo.

Da mesma forma, [o grupo ativista Milionários Patrióticos](#) está agora fazendo campanha pela ideia de uma linha de riqueza extrema. Acho que o limitarianismo precisará de algum tempo para encontrar seu caminho no discurso convencional, porque ouvimos há meio século que a ganância é boa e que o céu é o limite. Mas vejo alguns sinais muito encorajadores de como a ideia do limitarianismo, e os argumentos a seu favor, estão se espalhando.

**Há quem culpe a esquerda por desencadear retrocessos políticos ao insistir na visão identitária da sociedade, gerando um suposto excesso de poder cultural, baseado em cancelamentos e não em riqueza. No Brasil, há pobres de direita que defendem a ideologia neoliberal com ainda maior virulência. [Vê necessidade de mudar o foco do pensamento progressista](#)?**

O pensamento progressista deve se concentrar tanto em questões culturais e identitárias quanto em questões econômicas. Não acho que algumas sejam anteriores ou mais importantes que as outras.

Tome a existência de pessoas não binárias. A ciência nos mostrou que há muito mais variedade na espécie humana do que simplesmente homens ou mulheres heterossexuais. Não tornaremos o mundo seguro para gays, não binários ou trans insistindo que todos os eixos de injustiça são econômicos.

Mas vemos que os oligarcas estão [atacando as pessoas trans, o feminismo, o movimento Black Lives Matter e outros grupos que lutam por justiça social](#), porque querem desviar a atenção das grandes injustiças que existem em nossos sistemas econômicos. Os progressistas devem permanecer alertas e fazer a análise das injustiças culturais e econômicas.

No final, queremos um mundo em que todos possam florescer e viver pacificamente dentro dos limites de ecossistemas planetários sustentáveis —e isso requer mudanças tanto na frente econômica quanto na cultural.

**[Ao mencionar numa coluna seu trabalho sobre o limitarianismo, houve muitos comentários negativos nos acusando de invejar os super-ricos](#). Por que essa é a primeira crítica que vem à mente das pessoas, ricas ou não?**

Acho que a acusação de inveja é uma reação visceral, uma reação de pessoas que não estão dispostas ou não conseguem analisar os argumentos. Na verdade, é interessante que, à medida que o debate sobre os danos e riscos da concentração extrema de riqueza se tornou muito mais intenso na Europa, não ouvimos mais essa acusação.

O debate mudou para a análise dos argumentos genuínos na base do limitarianismo: que a riqueza extrema é frequentemente contaminada com dinheiro obtido de maneiras ilegítimas (como a escravidão), que ela enfraquece a democracia, que é incompatível com viver dentro dos limites dos ecossistemas do planeta, que não pode ser moralmente merecida, que é um desperdício porque o dinheiro poderia ser alocado de uma maneira muito melhor, em que muito mais necessidades humanas seriam atendidas, e que muitas vezes também não torna os muito ricos mais felizes.

Nada disso tem a ver com inveja. Portanto, devemos ignorar essa acusação, pois é uma estratégia para tentar interromper o debate sobre desigualdade e riscos e danos da concentração extrema de riqueza.

**O livro diz que o povo de Davos evita discutir desigualdade, tendo como foco a redução da pobreza por meio da filantropia. Um argumento pró-capitalista amplamente usado é que houve muito progresso material com ele e uma redução na violência durante sua hegemonia, em linha com o que defende Steven Pinker, aliás convidado a falar em Davos neste ano. Seu trabalho pode rivalizar com o dele e o de outros em atrair a atenção dos ricos e poderosos?** Um grupo de milionários e bilionários ativistas, liderados pelos Milionários Patrióticos e outros, ofereceu uma carta aos delegados em Davos que afirmava: devemos traçar a linha. Eles estão levando o pensamento limitariano a Davos.

Mas o [Fórum Econômico Mundial e sua reunião em Davos](#) são exemplos primordiais do pensamento neoliberal: todas as suas soluções são apolíticas, no sentido de que nunca questionam as desigualdades de poder e nunca perguntam como seriam as estruturas sociais justas.

Em vez disso, eles têm uma crença ideológica de que a melhor maneira de abordar os problemas do mundo é aplicar soluções empresariais às questões sociais. O Fórum Econômico Mundial nunca esteve realmente disposto a abordar o problema da desigualdade econômica ou de estruturas econômicas justas, então não acho que devemos esperar que essa mudança surja desse campo.

**Seu livro dá alguns exemplos de pessoas super-ricas que doam parte de suas fortunas, limitam heranças e imploram para ser tributadas, mas elas parecem ser a exceção que confirma a regra. No mundo corporativo real, não há escolha para reduzir a lucratividade, porque empresas que pagam menos dividendos tendem a perder valor de mercado. Nenhum CEO ficaria no comando por muito tempo fazendo isso, certo?**

Não é verdade que as corporações não têm liberdade para fazer escolhas. Por exemplo, é uma escolha da liderança tentar ter como objetivo um pagamento excessivo e não pagar mais aos seus trabalhadores, e isso já teria um efeito de amortecimento na desigualdade econômica.

Mas também é verdade que é muito mais fácil para uma empresa familiar como a Patagonia decidir doar todos os lucros futuros para boas causas do que uma corporação listada publicamente fazer o mesmo. No entanto, a estrutura legal atual para corporações não é a que tivemos ao longo da história, então também podemos decidir mudá-la. É uma questão de vontade política.

Isso será difícil e exigirá cooperação internacional, então concordo que não acontecerá rápido. Mas o primeiro passo é começar a questionar alguns dogmas que foram tomados como certos ao longo do último meio século. É onde estamos agora.

Além disso, devemos destacar os bons exemplos, como a [Patagonia](#) ou o trabalho de [Chuck Feeney](#) —que, apesar de ter administrado a empresa que criou sua riqueza de uma forma muito capitalista, fazendo uso de estratégias de evasão fiscal, decidiu doar toda sua fortuna antes de morrer. Se todos os ex-CEOs fizessem isso, não teríamos resolvido todos os nossos problemas, mas, ainda assim, estaríamos vivendo em um mundo muito diferente.

**Se tivesse de escolher uma medida de política pública para iniciar a discussão política sobre limitarianismo, por onde começaria? [Renda básica universal](#), por exemplo?**

Teria de ser uma medida de política que atacasse a evasão tributária, como a existência de paraísos fiscais, ou qualquer coisa que ajudasse a limitar o poder da chamada indústria de defesa da riqueza —advogados, contadores e assim por diante, que constantemente buscam brechas na legislação fiscal para ajudar seus clientes ultrarricos a evitar o pagamento de impostos.

Além disso, acho que deveríamos discutir mais detalhadamente a proposta de Gabriel Zucman de um imposto global de 2% sobre a riqueza dos bilionários. Todos esses são pequenos passos na direção da redução das desigualdades e da contenção dos riscos de riqueza extrema, mas já ajudariam.

**Em muitos países prevalece agora uma rejeição ao papel de liderança do Estado, à globalização, ao multilateralismo, aos direitos das minorias, às reparações históricas pelo colonialismo, à tributação dos ricos e das multinacionais, e à luta contra mudanças climáticas e a desigualdade. [Especialmente após o retorno de Trump ao poder](#), ainda há algum motivo para otimismo com a perspectiva ética oferecida pelo limitarianismo?**

É duro acreditar que haja motivos para otimismo, mas devemos permanecer esperançosos. Esperar é um verbo: requer que tomemos medidas e lutemos pela boa causa. Portanto, a coisa mais importante é abraçar nosso papel como cidadãos e tentar contribuir com o que é necessário para tornar o mundo um lugar melhor para todos.

Não podemos mais ser complacentes e pensar que, se cumprirmos nossos papéis na esfera econômica, bem como na esfera privada, teremos feito o que precisa ser feito. Há também nosso papel na esfera pública, como cidadãos. Como disse Michelle Obama na campanha presidencial dos EUA: Faça alguma coisa!

LIMITARIANISM: THE CASE AGAINST EXTREME WEALTH

- **Preço** R\$ 115,40 (336 págs.); R\$ 60,17 (ebook), na Amazon
- **Autoria** Ingrid Robeyns
- **Editora** Astra House